

## COMISSÃO DE AQUISIÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

### RELATÓRIO E PROPOSTA 2025

## 1. Enquadramento

A Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea (CAAC) foi criada em 2019, através do Despacho n.º 5186/2019, de 27 de maio, estando atualmente integrada na Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. (MMP, E.P.E.), nos termos do artigo 17.º dos Estatutos da MMP, E.P.E., aprovados pelo Decreto-Lei n.º 79/2023, de 4 de setembro, na sua redação atual.

A CAAC tem como missão identificar e selecionar as obras de arte cuja incorporação na CACE - Coleção de Arte Contemporânea do Estado se revele fundamentadamente adequada.

Nos termos do n.º 6 do artigo 17.º dos Estatutos da MMP, E.P.E., a CAAC deve apresentar a cada ano um relatório que discrimine o elenco das obras de arte, os elementos identificativos dos autores e das obras, a fundamentação para as propostas e a indicação do preço.

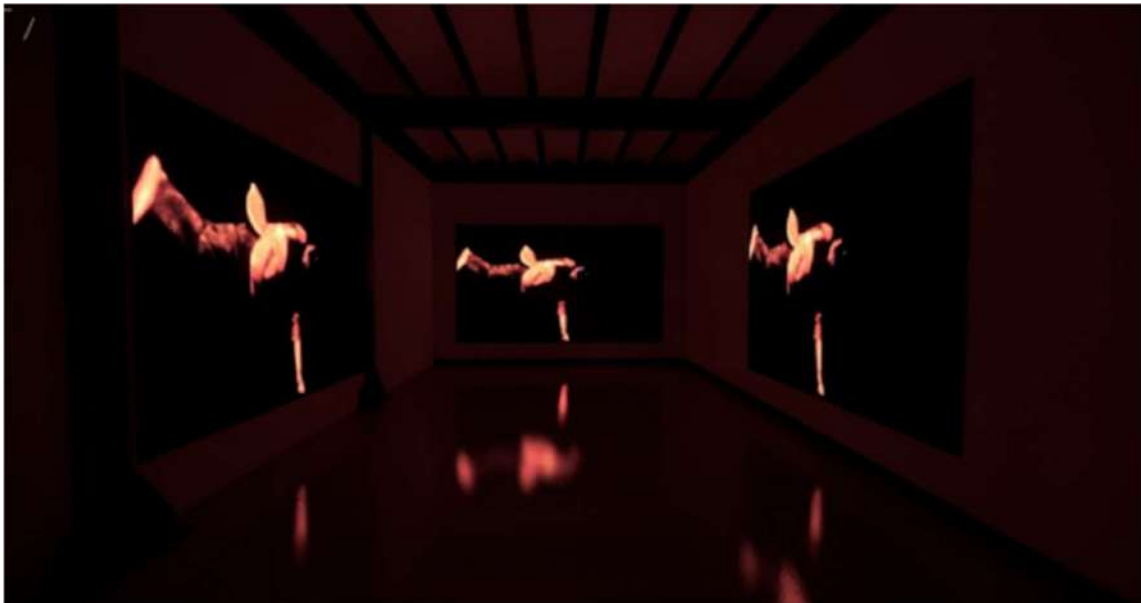
## 2. Propostas de aquisição

### Ana Léon [Lisboa, 1957]

*Tomber*, 2014

**Descrição:** Filme *Super 8*, digitalizado e sonorizado, em 3 projeções simultâneas, 2' 27" (loop)

**Valor de Aquisição:** €10.550



**Fundamentação:** A obra de Ana Léon desenvolve-se entre o desenho e o cinema expandido, numa prática que combina a simplicidade de meios e a espontaneidade do gesto. O recurso à imagem em movimento surge da repetição obsessiva do desenho e da manipulação manual de bonecos articulados ou figuras modeladas em argila, numa linguagem que transita da abstração à figuração. O seu trabalho expõe a vulnerabilidade do próprio médium

cinematográfico e abre espaço a múltiplas leituras, em que a suspensão narrativa são elementos centrais.

Nas suas obras em suporte *Super 8*, realizadas através da técnica de *stop motion*, cada imagem é captada individualmente, compondo sequências que se completam em ambientes visuais e sonoros densos. O som, trabalhado posteriormente a partir de fragmentos musicais ou respirações distorcidas, adquire o mesmo peso expressivo da imagem, ampliando tensões psicológicas e poéticas.

A vídeo-instalação *Tomber* (2014), uma projeção em *loop* com três ecrãs simultâneos, Leon explora uma lógica de repetição e variação mínima, convocando o espectador para uma experiência onde som e imagem se confundem numa poética de ambiguidade, de queda e de fragmentação do corpo.

**António Areal [Porto, 1934 - Lisboa, 1978]**

*O Colecionador de Belas-Artes – O Colecionador do 11º Dia, 1970*

**Descrição:** Óleo de esmalte sobre platex, 170 x 60 cm

**Valor de aquisição:** €35.000



**Fundamentação:** António Areal foi uma figura central na arte portuguesa do pós-guerra. Num corpo de trabalho marcado por diversas fases e linguagens, destaca-se, por exemplo, a sua abordagem conceptual e figurativa em séries como *O Colecionador* ou a série dos “Cavaleiros”. Artista autodidata, a sua presença foi marcante em exposições históricas como a *I Exposição de Artes Plásticas da Fundação*

*Calouste Gulbenkian*, sendo hoje reconhecido como um dos nomes de destaque da arte contemporânea portuguesa da segunda metade do século XX.

O percurso artístico de António Areal caracteriza-se por uma constante experimentação, sempre em diálogo com a cultura visual e os debates críticos do seu tempo, com uma composição rigorosa, mas, ao mesmo tempo, plena de ironia, crítica e dimensão poética. A obra *O Colecionador de Belas-Artes – O Colecionador do 11º Dia* (1970) é paradigmática desta investigação, na qual a figura escura e anónima, colocada diante de um conjunto de obras e fragmentos pictóricos, sugere simultaneamente a presença do colecionador e a crítica à sua invisibilidade ou neutralidade. A composição, que combina planos distintos e iconografias múltiplas, encena o próprio ato de colecionar como prática de acumulação de imagens, mas também como gesto interpretativo e político. A tensão entre representação e ausência, central na obra de Areal, encontra aqui uma formulação exemplar.

**Diogo Pimentão [Lisboa, 1973]**

*Rearranged (balance)*, 2025

**Descrição:** Papel e grafite, 180 x 57 x 10 cm

**Valor de aquisição:** €14.760



**Fundamentação:** Diogo Pimentão procede a uma investigação em torno do desenho, numa ação que expande o seu entendimento e a sua prática disciplinar. Pimentão repensa a relação entre a grafite e papel explorando a potencialidade do elemento riscador e do suporte utilizado, num cruzamento com a escultura, a performance e o vídeo. Equacionando a relação entre o corpo e o desenho, reinventada no tempo e no espaço (pela duração e a volumetria), as suas obras requerem um exercício de perceção alargada, para lá da superfície e do objeto.

*Rearranged (balance)* (2025), é uma obra que reflete, com clareza, a lógica do pensamento e da prática artística de Diogo Pimentão. Caracterizada pela materialização de uma dobra tridimensional que se desenha no espaço, a obra explora uma tensão deliberada entre o reconhecimento da sua natureza (uma folha de papel, riscada e dobrada), e algo que aparenta ter outra substância, peso e densidade. Diogo Pimentão trabalha a ligação entre a especificidade da matéria e a composição que esta permite definir, gerindo um delicado equilíbrio entre a familiaridade do material e a estranheza da forma adotada.

**Diogo Pinto [Lisboa, 1993]**

*Igelfisch*, 2024

**Descrição:** Óleo sobre tela, 130 x 130 cm

**Valor de aquisição:** €8.610



**Fundamentação:** O trabalho de Diogo Pinto caracteriza-se por uma prática contínua de pintura que alterna entre representações figurativas e abordagens mais abstratas, marcada por uma investigação constante sobre arte portuguesa e europeia. Apesar de viver no estrangeiro, o artista mantém uma forte ligação a Portugal, expondo frequentemente em diversos países da Europa. A relevância da sua obra reside não apenas na qualidade pictórica, mas também no seu interesse pela História da pintura com base numa pesquisa exigente que se desenvolve em várias camadas conceptuais e confere profundidade e consistência ao seu percurso artístico. Essa pesquisa reflete-se não só na sua produção artística, mas também na sua atividade como curador, ao organizar exposições

que procuram analisar momentos históricos, relações internacionais ou episódios insólitos.

*Igelfisch* (2024) é uma pintura hiper-realista que representa em detalhe um peixe, com especial enfoque no seu olho. Nesta obra sobressaem elementos recorrentes no seu trabalho, como a utilização da imagem como recorte, a ideia de rede presente no conjunto de pinturas pensadas para exposição e estímulos que dialogam com a arte e o design.

**Emídio Agra [Viana do Castelo, 1968]**

*K, la ville, la morgue*, 2018

**Descrição:** Madeira, couro, cordão, tecido e fio de algodão e acrílico sobre madeira

**Valor de aquisição:** €14.000



**Fundamentação:** Emídio Agra é artista plástico com formação em filosofia e pintura. Ao longo de mais de três décadas, construiu uma obra singular e consistente, marcada pela reutilização de fragmentos do quotidiano – restos de objetos descartados e materiais efémeros –, transformados em constelações poéticas e narrativas. Esses objetos, muitas vezes investidos de uma dimensão performativa, assumem-se como alegorias da experiência humana, convocando o tempo, a memória e a caducidade.

A sua prática assenta numa sensibilidade particular para recolher vestígios, resíduos e fragmentos, reorganizando-os em composições que escapam à função original para se tornarem imagens mentais e dispositivos poéticos. São objetos de múltiplas configurações, espectros de coisas reconhecíveis que, despojadas da utilidade, reencontram novas possibilidades no imaginário. Essa metamorfose, feita de associações inesperadas e justaposições improváveis, confere à sua obra um lugar singular no panorama da arte contemporânea portuguesa.

*K, la ville de la morgue* (2018) é um desses “objetos-poema”, composto por fragmentos e materiais do quotidiano transfigurados. A obra afirma um equilíbrio instável entre palavra e imagem, entre o poético e o performativo, ecoando citações e referências num espaço onde realidade e ficção se entrelaçam.

**Eugénia Mussa [Maputo, Moçambique, 1978]**

*Reborn 1, 2025 / Reborn 2, 2025 / Remake de “Discovery of America” por Johann Moritz  
Rugendas, 2024*

**Descrição:** Óleo sobre papel fabriano 145 x 145cm / Óleo sobre papel fabriano  
193 x 150 / Óleo sobre tela 100 x 75,5 cm

**Valor de aquisição:** €32.860



**Fundamentação:** Eugénia Mussa nasceu em Maputo, Moçambique, em plena guerra civil, onde viveu até aos cinco anos. A sua família mudou-se para Portugal em 1983. A artista já se encontrava representada na CACE com duas pinturas, sendo agora reforçada com a aquisição de três obras recentes. Eugénia Mussa desenvolve o seu trabalho no campo da pintura, privilegiando composições de pequena e média escala, que contrariam a atual tendência para o

sobredimensionamento das obras. Recuperando técnicas clássicas de pintura, as suas imagens derivam de imagens fotográficas retiradas de um arquivo composto por registos encontrados em livros, postais, e por vezes retiradas de vídeos ou fotografias. No caso das pinturas *Reborn I* (2025) e *Reborn II* (2025), na passagem da imagem real para a pictórica, as composições adquirem uma natureza fictícia, imaginária e de formas diluídas nas coloridas pinceladas que lhes dão forma. Estas paisagens, escapam ao formato horizontal tradicionalmente associado ao género, apresentam-se em composições, uma vertical e outra quadrangular, estruturadas numa gama cromática dominada por diversos tons de vermelho, amarelo e verde. A aplicação da tinta é gestual e expressiva, com empastamentos, de onde as figuras informes, e difíceis de reconhecer, emergem da massa cromática.

A pintura *Remake de "Discovery of America" por Johann Moritz Rugendas* (2024) constitui uma reinterpretação de uma obra oitocentista do pintor alemão Johann Moritz Rugendas, cuja composição original representa um encontro entre colonizadores europeus e povos indígenas numa paisagem tropical com palmeiras, junto ao mar. Eugénia Mussa opera uma transformação cromática total, substituindo a paleta naturalista original por uma quase monocromia vermelha que redefine completamente a leitura da composição. Embora a vegetação tropical e as figuras humanas se mantenham reconhecíveis na estrutura compositiva, o predomínio absoluto do vermelho, ausente da obra de Johann Moritz Rugendas, sugere as representações visuais do inferno. Esta alteração cromática converte assim a representação original numa atmosfera opressiva, conferindo-lhe uma dimensão simbólica renovada através desta saturação cromática.

**Fala Mariam [Lisboa, 1962]**

*the swimmer*, 2009 / *a festa simples*, 2008

**Descrição:** Acrílico sobre tela, 90 x 90 cm / Acrílico sobre tela, 70 x 70 cm

**Valor de aquisição:** €10.455



**Fundamentação:** Fala Mariam é uma pintora de reconhecido prestígio no panorama artístico português contemporâneo. Desde os meados da década de 1980, Fala Mariam tem vindo a desenvolver uma obra marcada por uma constância formal e um aprofundamento progressivo do seu discurso pictórico. Ela foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian logo no início da sua carreira, tendo exposto individualmente, já em 1992, numa mostra temporária da Gulbenkian que permitiu ver as suas obras em tinta-da-china sobre papel (1986-

88) e acrílico sobre tela (1989-1991). Ao longo dos anos, recebeu prémios relevantes, participou em exposições institucionais de relevo (Fundação Mário Soares, Fundação de Arte Moderna e Contemporânea – Coleção Berardo, etc.) e integrou coleções públicas e privadas nacionais e estrangeiras.

A sua linguagem pictórica é frequentemente descrita como uma apropriação sensível do abstrato — ou de uma “figuração abstrata” — em que se combina memória, cor, luz e sombra, transparência e ocultamento. O crítico José-Augusto França caracteriza o seu trabalho como “pintura-pintura”, o quadro que se afirma por si, o quadro que se explica por si, numa gramática própria, mais próxima da poesia do que de enunciados literais. A sua pintura pede contemplação: não se impõe imediatamente, mas vai revelando camadas, planos, transparências. Há nela um diálogo entre o que se vê e o que se pressente, entre a forma e o sentido, e também entre o instante efémero e a duração.

As obras *the swimmer* (2009) e *a festa simples* (2008) demonstram uma faceta importante da obra de Fala Mariam, particularmente no que diz respeito a momentos de transição ou de novas formulações estéticas. Enquanto *the swimmer* explora nuances de movimento, corpo, luz ou água, a obra *a festa simples* revela atmosferas de convívio e celebração. Fala Mariam trabalha com uma intensidade e exigência formais que se manifestam no uso de transparências, harmonia cromática, camadas pictóricas e em construções visuais que desafiam o espectador a entrar num processo de descobrimento do que está visível e do que está latente. Estas obras contêm os elementos típicos do seu estilo — profundidade, luz, sombra, geometricidade ou organicidade, articulação entre figuração e abstração —, e são representativas de uma artista contemporânea portuguesa com voz própria.

**Fernando Lemos [Lisboa, 1926 – São Paulo, Brasil, 2019]**

*Bairro das lanternas em Kobe, 1963 / Criança aluna não vai sozinha, 1963 / Eli, brasileira de Tokyo, 1963 / A procura de sombra antiga, 1963*

**Descrição:** Conjunto de quatro fotografias de tiragem única em papel de algodão e gelatina de sais de prata assinadas pelo autor

**Valor de aquisição:** €20.000



**Fundamentação:** Fernando Lemos foi um artista que construiu uma obra singular entre Portugal e o Brasil, os dois países que marcaram o seu percurso. Em Portugal, ficou sobretudo associado à fotografia de cariz surrealista, realizada entre 1949 e 1952, apenas redescoberta e valorizada após a revolução de abril. No Brasil, onde se exilou voluntariamente em 1953, desenvolveu um trabalho que lhe trouxe maior reconhecimento, marcado pelo diálogo entre a pintura, o

desenho, o design, a cenografia, a fotografia e a poesia, numa prática multidisciplinar que sempre recusou classificações rígidas.

A série de fotografias que realiza em 1963 no Japão resulta da viagem realizada com uma bolsa de investigação concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1962, que permitiu a Fernando Lemos estudar durante seis meses a caligrafia e a arte japonesa. Regressa posteriormente ao Japão, em 1977, para uma segunda visita de trabalho com o Museu Namban, em Nagasáqui.

Este conjunto de quatro fotografias é particularmente relevante no percurso multidisciplinar de Fernando Lemos, pois contempla a influência do pensamento e da cultura orientais na sua prática artística. Realizadas em Quioto e Kobe, distinguem-se pela composição e a variação de escalas ensaiadas com o recurso à figura humana. Num dos casos, a omnipresença do tronco distorcido de uma árvore em primeiro plano, símbolo de ancestralidade, sobrepõe-se à passagem de duas figuras femininas na rua. Noutra fotografia, o chão preenche parte do enquadramento, revelando na parte superior da imagem, uma fila de estudantes com uniformes escolares, captadas de costas, em fila indiana, no seu percurso habitual. O desequilíbrio formal da composição acentua o vazio, a distância e afastamento formal com o país que tanto o marcou. Por fim, o retrato feminino desta série é o da guia e tradutora que acompanhou Fernando Lemos e a sua mulher durante a estadia no Japão.

**Filipa César [Porto, 1975]**

*Sunstone*, 2018

**Descrição:** 16 mm transferido para vídeo HD, vídeo HDV, animação CGI, cor, som, 2018, 30'. Co-realizado por Filipa César e Louis Henderson, com Roque de Pina.

**Valor de aquisição:** €22.140



**Fundamentação:** Filipa César é uma artista visual e cineasta portuguesa, residente em Berlim. Estudou pintura nas Faculdades de Belas-Artes do Porto e de Lisboa, seguiu-se estágio em Munique, e em 2008, concluiu o mestrado em *Art in Context* na Universität der Künste (UDK), Berlim. A sua prática artística cruza cinema, instalação, investigação e arquivo. Filipa César dedica-se à exploração das fronteiras entre documentário e ficção, questionando não só os modos como imagens em movimento são produzidas e preservadas, mas também os regimes de visibilidade, memória, poder e resistência. Desde 2011,

tem vindo a desenvolver o projeto *Luta ca caba inda* (“a luta ainda não acabou”), através do qual investiga o cinema militante da Guiné-Bissau, a sua história, arquivos audiovisuais, memória política e imaginário. A sua filmografia inclui obras como *Mined Soil* (2015), *Spell Reel* (2017), *Sunstone* (2018), entre outras. As suas instalações e exposições têm sido mostradas em espaços de referência em Portugal e no estrangeiro, festivais internacionais de cinema, museus e bienais.

*Sunstone* (2018), em parceria com Louis Henderson, é uma obra que revisita e entrelaça narrativas visuais, memória colonial, tecnologia ótica e modos de ver. No filme, acompanhamos o percurso das lentes Fresnel desde a sua produção até à sua utilização em faróis, assim como referências ao seu papel simbólico e material em diferentes contextos sociais — desde a ótica da navegação marítima até às políticas visuais, inclusive no uso da Arte Óptica (Op Art) em cenas de revolução. A obra mistura imagens de arquivo, filmagens subaquáticas, Computer Generated Images (CGI) e capturas digitais, explorando os modos de visibilidade e invisibilidade, o poder da ótica como instrumento de domínio visual e a tensão entre luz e sombra, exposição e ocultamento.

*Sunstone* destaca-se pelo uso inovador de suportes (arquivo, digital, ótica, 16mm, etc.), combinando estética, investigação e crítica. É uma obra que não só dialoga com a história do cinema e do arquivo, mas também com debates contemporâneos sobre memória, colonização, visibilidade e poder. Esta obra afirma-se como espaço de reflexão crítica e contemporânea, demonstrando densidade teórica e urgência política. A obra toca em temas centrais para a memória portuguesa (colonialismo, navegação, história marítima), bem como nas ligações com África, em particular a Guiné-Bissau, representando a importância destas histórias, dos arquivos e de práticas artísticas que interrogam legados muitas vezes silenciados ou marginalizados. Esta obra reforça a representação de

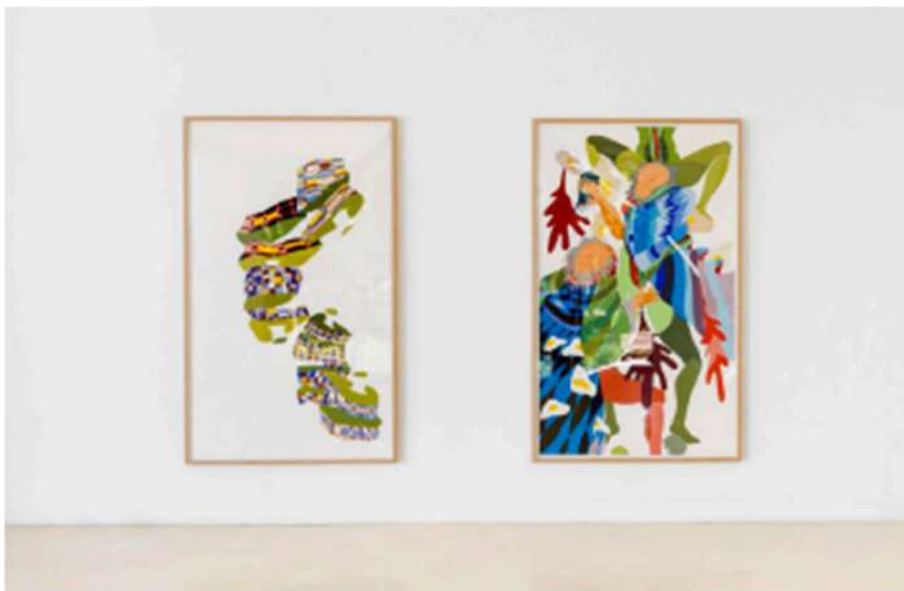
Filipa César na CACE, enquanto contribui para uma maior abrangência desta coleção tanto na cronologia e nas temáticas, como nas linguagens audiovisuais.

**Francisca Carvalho [Coimbra, 1981]**

*Pantalons pour attirer le vent - boîtes à chapeaux para Ruy Leitão, 2023 / Pantalons pour attirer le vent - Fra ha fatto l'uovo, 2023*

**Descrição:** Guache sobre papel, 210 x 125 cm (cada)

**Valor de aquisição:** €15.330



**Fundamentação:** Ao recorrer a uma paleta de cores opacas e elementares, Francisca Carvalho cria camadas densas de guache onde se desdobram diferentes áreas de ação circunscritas na própria superfície do papel, revelando diferentes planos e ritmos visuais. Com este conjunto, a artista aproxima-se de imagens associadas ao universo pop dos anos 70, reconhecendo-se em algumas obras formas, movimentos e padrões inspirados na banda desenhada.

Nesta série, Francisca Carvalho afasta-se do uso característico do tingimento têxtil e da instalação para explorar um novo vocabulário plástico, marcado por geometrias que habitam um espaço intermédio entre o abstrato e o figurativo. A escolha dos títulos, uma mistura de francês, italiano, inglês e português, remete

para uma narrativa não linear e quase surrealista, como se observa nas próprias obras selecionadas: *Pantalons pour attirer le vent - boîtes à chapeaux para Ruy Leitão*, (2023) e *Pantalons pour attirer le vent - Fra ha fatto l'uovo* (2023).

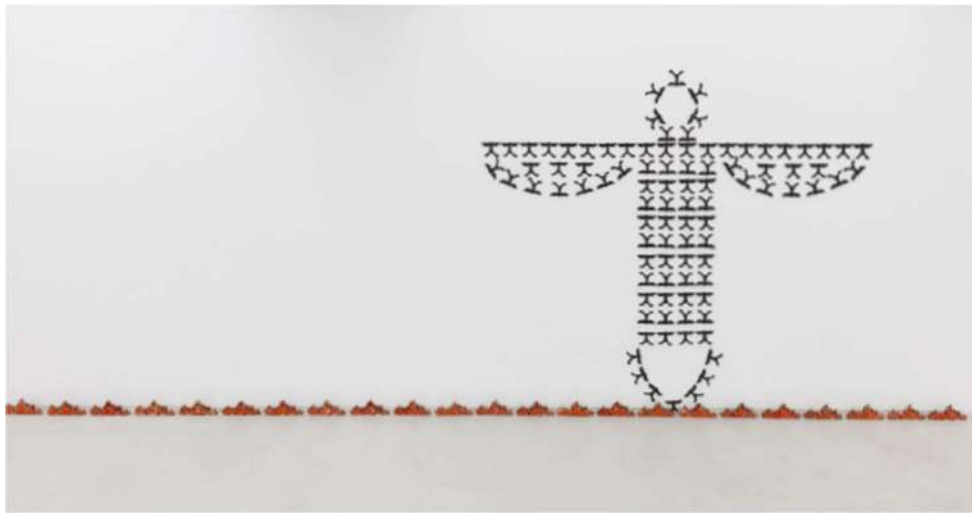
A este enquadramento, deve-se também destacar a relevância das obras selecionadas para o acompanhamento da prática da artista, uma vez que permitem não só seguir a sua evolução como também criar uma oportunidade de diálogo com outras obras de referência, estabelecendo camadas de significado mais contínuas e paralelas com as já presentes na coleção.

**Francisco Trêpa [Lisboa, 1995]**

*Enxame*, 2024

**Descrição:** Cerâmica vidrada, 185 x 205 cm

**Valor de aquisição:** €7.995



**Fundamentação:** Francisco Trêpa trabalha com escultura, adotando processos inerentes à cerâmica, como a modelação e a serialidade. Procurando situações que, apesar da repetição, louvam a imperfeição, o imprevisível e a singularidade, a sua ideia de beleza reside num olhar que nomeia e descobre. Decorrendo de um interesse por relações simbióticas e pelo seu papel na articulação de um pensamento ecológico e existencial, Trêpa engendra ficções habitadas por seres híbridos, entre o real e o imaginário, o animal e o vegetal, sem género, nem julgamento fixo.

Na busca de uma ambiguidade deliberada, as suas obras comportam ideias de transformação, fluidez e indefinição, que em *Enxame* (2024) compreendem o imaginário aludido, afirmado na natureza, escala, materialidade e posição dos

elementos. De modo notório, a presente obra é representativa do trabalho que o artista tem vindo a desenvolver na sua prática.

**Gabriela Albergaria [Vale de Cambra, 1965]**

*Fixing Imperfections*, 2023

**Descrição:** Fragmentos de madeira (recolhidos no Parque Vila dei Cedri, na Suíça) e pasta de modelar sem enxofre, parede pintada com Pantone 2288U [Aprox. 210 x 370 cm (dimensões variáveis/ adaptáveis ao espaço)]

**Valor de aquisição:** €24.600



**Fundamentação:** A integração de *Fixing Imperfections* (2023) de Gabriela Albergaria, reforça a presença da artista na CACE, que já inclui um desenho seu, permitindo uma leitura mais ampla da sua prática, marcada precisamente pela articulação que desenvolve entre desenho e escultura. A artista trabalha, desde a década de 1990, sobre processos de aculturação da paisagem e da natureza, analisando o impacto da ação humana na transformação dos ecossistemas — seja através da introdução de espécies vegetais não autóctones, seja pela própria construção de paisagens artificiais que procuram reproduzir e controlar o mundo natural. Gabriela Albergaria examina estas intervenções, evidenciando como a

natureza atualmente é, em grande parte, resultado de escolhas culturais, científicas e estéticas. *Fixing Imperfections* é um objeto tridimensional instalado na parede, onde pequenos fragmentos de madeira, recolhidos no Parco Villa dei Cedri, na Suíça — um museu e jardim histórico dedicado à arte contemporânea e ao diálogo entre natureza e criação artística — são tratados e reintegrados. Os gestos de reparação são visíveis na costura, amarração e remendo. O resultado é uma composição que oscila entre a observação científica e artística, revelando a coexistência de dano e cuidado, perda e reconstrução. A sua inclusão na CACE enriquece a leitura do percurso da artista e aprofunda o diálogo do acervo com questões ambientais e culturais contemporâneas.

**Gaëtan [Luanda, 1944 - Lisboa, 2019]**

*Do Sermão a Jan Sanders*, 1984

**Descrição:** Seis desenhos: Tinta-da-china sobre papel. 86 x 61 cm (cada)

**Valor de aquisição:** €30.000



**Fundamentação:** Gaëtan é uma figura incontornável da arte contemporânea portuguesa. Nascido em Angola, viveu a maior parte da sua vida adulta em Portugal. Desde o fim dos anos 1970, Gaëtan dedicou-se à prática do desenho, com especial incidência no autorretrato. A partir de 1981, trabalhou obsessiva e persistentemente a sua própria imagem como tema. A sua produção caracteriza-se pela atenção minuciosa à identidade, memória e à passagem do tempo, onde pequenas variações, às vezes quase impercetíveis, na forma, no gesto ou no olhar, marcam cada peça. Ele próprio rejeitou muitas vezes o termo “autorretrato” na aceção mais tradicional, preferindo conceber esses desenhos como modos de interpretar o que vê, o que vive, o reflexo interno do sujeito que é ao mesmo tempo artista e personagem. Importante também é o seu empenho estético: rompeu com academismos, variou técnicas, usou o desenho como principal meio de expressão e, curiosamente, desenhava com a mão esquerda — apesar de

destro — para evitar hábitos e vícios que pudessem adormecer ou banalizar o gesto criativo. Participou em exposições coletivas internacionais (como a XXI Bienal de Paris em 1980, ou “Drawing Towards a Distant Shore: Selections from Portugal”, em Nova Iorque, entre outras) e realizou várias mostras individuais de relevo em museus portugueses, como o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian ou o Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado. Gaëtan deixou um legado artístico singular, centrado numa busca constante de si mesmo como matéria de arte — uma procura que atravessa, faz vibrar e repensa os métodos, os gestos e o olhar.

*Do Sermão a Jan Sanders* (1985) é uma instalação de Gaëtan apresentada em 1985, no Museu Nacional de Arte Antiga. A obra propõe um percurso visual e simbólico conduzido por desenhos que culminam na pintura *São Jerónimo*, de Jan Sanders van Hemessen, em exposição permanente no museu. Inspirada na estrutura de um sermão, convida à reflexão sobre o corpo, a espiritualidade e a finitude. *Do Sermão a Jan Sanders* é um trabalho composto por um conjunto de nove desenhos. Em 2022, três desses desenhos foram adquiridos para a coleção da Caixa Geral de Depósitos. Esta proposta apresenta os seis desenhos restantes, que integram a série original.

A aquisição da obra *Do Sermão a Jan Sanders* representa uma oportunidade para incorporar no acervo do estado português uma obra de Gaëtan que articula um diálogo com outras tradições e figuras artísticas. O conjunto de desenhos serve para inaugurar pontes entre o universo intimista e autorreferencial de Gaëtan e o desenho de modelo nu —algo que o artista praticava com frequência —, oferecendo ao público a oportunidade de apreciar não apenas o tema, mas o modo de trabalhar de Gaëtan, o olhar prolongado, as marcas do tempo, as transformações subtis.

**Hugo de Almeida Pinho [Ovar, 1986]**

*Sunlight Scattering*, 2024

**Descrição:** Placa de ferro cortada a laser e lacada a preto, tinta spray amarelo, cinco painéis, 250 x 190 x 12 cm

**Valor de aquisição:** €14.760



**Fundamentação:** A obra de Hugo de Almeida Pinho expande os limites da escultura e da instalação, articulando arte, filosofia e ecologia política, e refletindo sobre as relações críticas entre o humano, a tecnologia e a natureza. A sua investigação convoca imagens e símbolos partilhados — recursos naturais como o silício, o sol ou o carvão — que define como elementos centrais e paradoxais, para questionar os modos de visibilidade e obscuridade que estruturam tanto a experiência histórica como a experiência iconográfica e cultural do espectador. Nesse processo, coloca em evidência as lógicas de extrativismo subjacentes à apropriação, transformação e exploração desses recursos, revelando as tensões

entre matéria-prima e valor simbólico, entre natureza e tecnologia, entre energia vital e mercadoria.

Na série *The sun is neither a master, nor a slave. The sun is a comrade.*, Hugo de Almeida Pinho parte da frase de Oxana Timofeeva, enunciada em *Solar Politics*, para pensar o sol como entidade simultaneamente cósmica, mas também como metáfora política e cultural. A peça *Sunlight Scattering* (2024), integrada nesta série, inspira-se nos fenómenos de dispersão, refração e reflexão que a luz solar sofre ao atravessar a atmosfera terrestre, processos que transformam a radiação invisível em experiência sensível.

A peça retoma a forma dos gradeamentos associados ao denominado “estilo solar”, característicos da iconografia comunista no Leste europeu. Ao reinscrever e apropriar este tipo de elementos arquitetónicos, o artista sublinha a tensão entre proteção e confinamento, liberdade e aprisionamento, memória histórica e fragmento em ruína.

**Irene Buarque [São Paulo, Brasil, 1943]**

*Subjeto*, 1971 / *Tenda de Seda no Campo*, 1976

**Descrição:** Acrílico sobre platex, diâmetro 120 cm / Acrílico sobre madeira, diâmetro 110 cm

**Valor de aquisição:** €19.080



**Fundamentação:** Irene Buarque nasceu em São Paulo em 1943 e mudou-se para Lisboa em 1973, no âmbito de uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Dois anos depois, apresentou na sua exposição individual, no Jardim Gulbenkian a série *Muralhas*, um conjunto de 19 pinturas circulares colocadas sobre cavaletes no jardim. A artista deixou o Brasil em consequência da repressiva e violenta ditadura militar e escolheu estabelecer-se em Portugal, precisamente no contexto

da queda do regime ditatorial em 1974. Artista multidisciplinar, Irene Buarque transportou a pintura para o espaço criando também instalações, projetos de arte pública, performances e livros de artista, que têm como base a sua investigação sobre a perceção cromática, formal e sobre o espaço pictórico. A pintura circular de fundo azul e formas geométricas verdes, *Subjeto* (1971), integra uma série que criou ainda no Brasil, e que foi distinguida com o Prémio de Aquisição da 5.ª Jovem Arte Contemporânea do MAC-USP de São Paulo. Estas obras incorporam os valores do neoconcretismo brasileiro, que destacava a expressão sensorial e poética da arte abstrata, superando a rigidez puramente racional da geometria. Ao mesmo tempo, reforçam a relação sensorial e perceptiva do espectador com a obra, remetendo para a ideia de “cor e forma no espaço”, em que ambos os elementos assumem um papel estruturante e definidor da experiência.

*Tenda de Seda no Campo* (1976) foi apresentada, juntamente com duas outras pinturas circulares em acrílico sobre madeira compensada, na exposição *Panorama de Arte Atual Brasileira* no MAC-USP, em 1976. A obra integra um conjunto mais extenso de pinturas circulares que Irene Buarque desenvolveu ao longo de vários anos, caracterizadas pelo rigor geométrico e pela exploração sensorial da cor e do espaço. Estas pinturas, evidenciam a continuidade da sua investigação sobre a relação entre forma, cor e perceção do espectador, aproximando-as a obras anteriores da artista, como a pintura circular e geométrica *Subjeto*. A integração destas obras de Irene Buarque na CACE vem reconhecer a relevância do seu trabalho no panorama da arte portuguesa. Ao mesmo tempo, reforça a diversidade de género do acervo e consolida o seu núcleo histórico, documentando um momento crucial de diálogo entre a produção artística brasileira e o contexto português no período pós-1974.

**Isa Toledo [São Paulo, Brasil, 1990]**

*We Have to Stay Here, 2023 / Inten, 2023 / I, 2023 / Just Deserts, 2023*

**Descrição:** Gravura a diamante de homófonos por Gravomanos, Lisboa. 25 x 65 cm / Gravura a diamante de homófonos por Gravomanos, Lisboa. 34 x 48 cm / Gravura a diamante de homófonos por Gravomanos, Lisboa. 35 x 35 cm / Conjunto de colheres medidoras de alumínio, compradas em segunda mão na Feira da Ladra, Lisboa. Gravura em pantógrafo por Franco Gravador, Lisboa. 12 x 15 cm

**Valor de aquisição:** €4.722



**Fundamentação:** O trabalho de Isa Toledo abarca um alargado conjunto de meios, compreendidos do vídeo à fotografia e do desenho à escultura, passando ainda pela pintura e a instalação. As obras expressam uma curiosidade em torno

da noção de uso e domesticidade, onde a apropriação de textos, expressões e palavras, adquirem uma visão romântica e um cariz irónico. Isa Toledo desmembra e questiona a seriedade das referências de origem, propondo uma nova leitura, de contorno poético, que repensa o olhar sobre o quotidiano.

As obras *We Have to Stay Here* (2023), *Inten* (2023), *I* (2023) e *Just Deserts* (2023) formam um conjunto de trabalhos onde a expressão do doméstico e a ideia da partilha, associada ao espaço da família e ao lugar da mesa, é comentada, com apurado requinte e subtileza, transformando o contexto em que surgem e em que são apreendidas.

**Isabel Cordovil [Lisboa, 1994]**

*The enigma of arrival*, 2025

**Descrição:** Caixa de música, madeira, 293 x 90 x 75 cm

**Valor de aquisição:** €30.750



**Fundamentação:** A artista tem, nas suas últimas produções, desenvolvido um trabalho fundamentado na iconologia e na história clássica, ao explorar mitologias e figuras fantásticas que se refletem tanto nos objetos que fabrica como na forma como os compõe nas suas exposições. Estas seguem, habitualmente, uma narrativa que unifica todas as peças apresentadas, sendo comum que a artista crie uma obra central que represente toda a história. Com uma carreira ainda emergente, mas já prolífica, a sua prática combina experiências autobiográficas com uma crítica subtil a acontecimentos socioculturais contemporâneos.

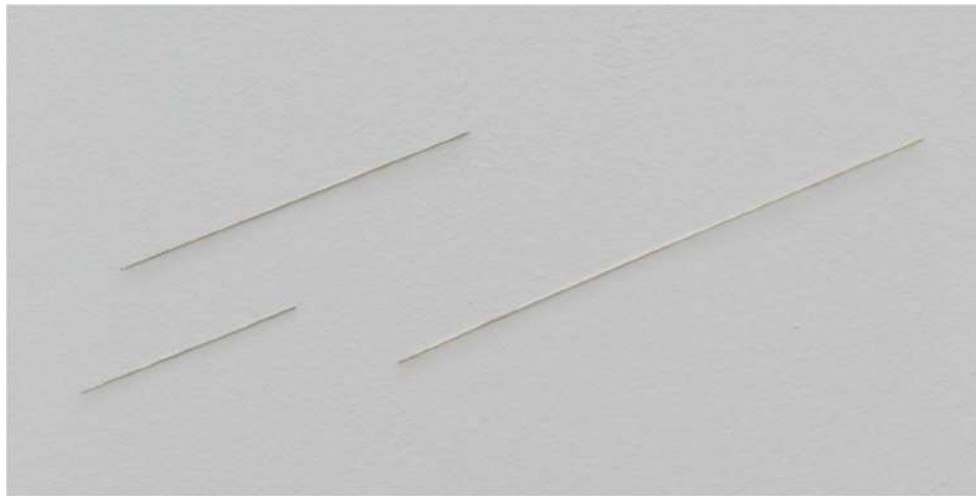
A obra *The Enigma of Arrival* (2025) surge como peça de clímax, marcada por um elemento dramático: a imagem de umas escadas em madeira que guardam, no topo, uma caixa de música manual. A composição, escrita por Joana Benedita de Faria Pinho, exige do público uma atenção delicada enquanto é convidado a acionar a manivela. O contraste entre a escala da peça e a estrutura que a sustenta, aliado à simbologia de cada material escolhido e à provocação anacrónica de momentos e figuras históricas, é representativo do universo estético e conceptual da artista.

**Joana Escoval [Lisboa, 1982]**

*Chuva*, 2018

**Descrição:** Instalação composta por 100 peças, prata. Dimensões variáveis

**Valor de Aquisição:** €20.295



**Fundamentação:** O trabalho de Joana Escoval, com obras que se movem entre a escultura, a instalação e o som, é marcado por uma investigação atenta das tensões entre o natural e o artificial, o visível e o invisível, o transitório e o duradouro. A sua produção inscreve-se num território de minimalismo expandido, em que a contenção formal se alia a uma profunda dimensão poética e simbólica.

As suas obras convocam não apenas a presença física dos objetos, mas também os fluxos subtis de energia, respiração ou movimento. A obra *Chuva* (2018), que vem reforçar a presença da artista na CACE, explora a tensão entre materialidade e invisibilidade, criando uma experiência que pede a atenção e o movimento de quem a observa. À semelhança de gotas de chuva, os fragmentos repetem-se em

cadência irregular, convocando uma presença frágil e insistente, na qual o brilho subtil de cada peça apenas se torna visível com o movimento do observador.

**Joanna Piotrowska [Varsóvia, Polónia, 1985]**

*Untitled, 2017*

**Descrição:** Impressão de gelatina de prata manual, 95 x 120 cm. Ed. 1/3 + AP

**Valor de aquisição:** €9.840



**Fundamentação:** Joanna Piotrowska vive e trabalha entre o Porto e Londres. O seu trabalho recorre a *mixed media* (fotografia e instalação) explorando um imaginário onde o ambiente doméstico surge através do uso de têxteis e de estruturas em madeira que criam divisões ou refúgios no espaço expositivo. Com um percurso institucionalmente reconhecido, que inclui exposições na Tate Britain (Londres), na Kunsthalle Basel (Suíça) e no Le BAL (Paris), Joanna Piotrowska contribui para reforçar a dimensão internacional da CACE, representando artistas estrangeiros que mantêm uma ligação a Portugal.

A fotografia selecionada, *Untitled* (2017), introduz uma atmosfera de nostalgia, não apenas pela impressão a preto e branco mas pelo contexto doméstico onde uma figura feminina deitada sob um lençol erguido como um toldo remete para jogos de infância. A imagem confere-lhe uma carga psicológica e performativa, transformando-a num registo cuidadosamente encenado. O enquadramento da obra numa moldura amarela acrescenta-lhe uma dimensão ainda mais íntima, lúdica e informal, acentuando a tensão entre familiaridade e mistério que atravessa o trabalho da artista.

**João Marçal [Santarém, 1980]**

*Sem título (Image Service), 2003 / Sem título (FujiFilm), 2003*

**Descrição:** Acrílico sobre tela, 72,8 x 100 cm (x 2)

**Valor de Aquisição:** €12.000



**Fundamentação:** A prática artística de João Marçal desenvolve-se numa articulação entre a experimentação pictórica e apropriação crítica das linguagens visuais. As suas telas exploram cores saturadas, tipografias e composições geométricas que remetem tanto para o universo da publicidade, como para a abstração modernista. Esta tensão entre arte e comunicação visual confere ao seu trabalho uma dimensão crítica, questionando os modos como a imagem circula, se consome e se reconfigura no espaço contemporâneo.

Neste díptico que vem reforçar a representação deste artista na CACE, pode observar-se uma apropriação de padrões gráficos inspirados em suportes comerciais do universo da fotografia, num gesto pictórico que não se limita à reprodução, mas que desloca a linguagem gráfica para a superfície da tela e, assim, interroga a permeabilidade entre a singularidade da pintura e a repetição massificada da imagem.

**João Pedro Vale + Nuno Alexandre Ferreira [Lisboa, 1976 / Torres Vedra, 1973]**

*The Tearoom, 2024*

**Descrição:** Blusões de cabedal, cabides, estrutura metálica e espelho. Dimensões variáveis

**Valor de Aquisição:** €79.950



**Fundamentação:** O trabalho multidisciplinar da dupla João Pedro Vale + Nuno Alexandre Ferreira articula escultura, instalação, performance e fotografia, muitas vezes em diálogo estreito com objetos quotidianos e materiais enraizados em contextos sociais específicos. Esses elementos são reconfigurados em dispositivos visuais e espaciais de forte significado simbólico, através da apropriação, reencenação e deslocamento, que funcionam como estratégias para questionar normas e convenções estabelecidas. O resultado abre espaço para discursos sobre pertença, marginalidade e política cultural, num registo em que

humor, ironia e teatralidade se cruzam com a seriedade crítica dos temas abordados, produzindo obras que transitam entre a celebração e a contestação.

*The Tearoom* (2024) convoca o universo das subculturas urbanas, em particular o imaginário punk e queer, onde o cabedal funciona como armadura identitária, símbolo de pertença e afirmação política. O espelho duplica a cena e inscreve o espectador no dispositivo, transformando o espaço expositivo num território partilhado de visibilidade e confronto. A disposição coletiva das peças, realça a dimensão comunitária da obra e a sua evocação de espaços de encontro, resistência e performance social.

**João Pimenta Gomes [Lisboa, 1989]**

*Slouching Towards Bethlehem*, 2024

**Descrição:** Thon Rack Case, som, mono, vídeo, loop, 47 x 54 x 27 cm

**Valor de aquisição:** €10.455



**Fundamentação:** João Pimenta Gomes é artista visual e músico. Formou-se em produção musical, fotografia e desenho, e também leciona como professor convidado de Som e Imagem na Escola das Artes da Universidade Católica do Porto. Das suas exposições individuais destacam-se *Clouds* (instalação sonora) na Galeria da Embaixada de Portugal em Berlim, em 2021, *Poly-Free* (instalação sonora no MAAT, com objeto e voz humana processada), em 2022, e *Últimos Sons*, a sua primeira exposição individual na Galeria Vera Cortês, em 2024. A prática artística de João Pimenta Gomes, uma das vozes emergentes mais singulares no panorama da arte sonora em Portugal, explora a intersecção entre música, espaço, corpo e imagem, com forte uso de sintetizadores modulares,

manipulação sonora, vídeo, imagem e objetos. O seu trabalho funciona muitas vezes em ambientes imersivos, questionando a relação entre analógico e digital, o conceptual e o sensorial.

A obra *Slouching Towards Bethlehem* (2024) marca um momento de síntese desta investigação — reunindo estes vetores de som, imagem, corpo e tecnologia, refletindo sobre identidade, deslocamento, e/ou tensões entre o público e privado. A obra apresenta um sistema de sintetizador modular eurorack, composto por um *loop* onde o vídeo modela a parte musical. Esta composição musical parte do som de um drone, esse som compacto, espesso, que aqui se ouve nos headphones, uma aproximação e um deslocar do mundo. Parte, igualmente, de uma ideia de meditação, da ideia de algo que se arrasta para algum lugar e de uma paisagem que não se move, talvez de uma chegada inevitável, lenta e desconfortável. No vídeo, em *loop*, uma pessoa pratica exercícios de aquecimento vocal, algo que antecede ou antecipa uma emissão sonora.

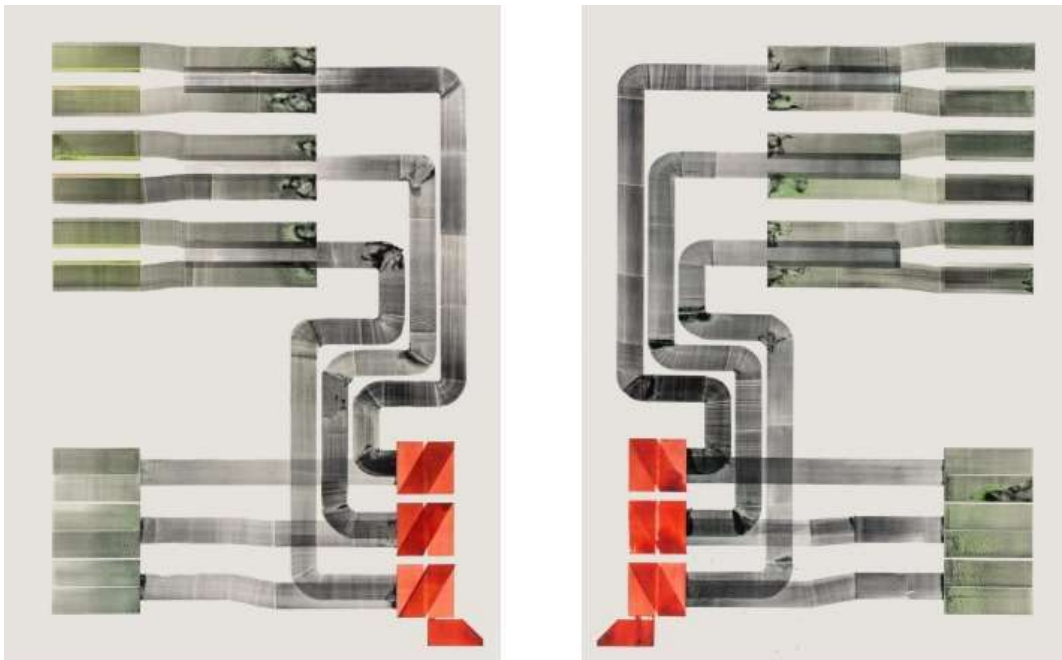
Partindo da sua experiência com sintetizadores modulares, manipulação de samples de voz, instalações com objetos sonoros, e componentes digitais, o trabalho de João Pimenta Gomes evoca temas de desordem, deslocamento, crise moral/social, e transformações culturais. A experiência sensorial e imersiva estimula não apenas a contemplação, mas a participação, para que o público não seja mero espectador, mas corpo envolvido; promove uma relação mais ativa com o espaço expositivo, estimula a reflexão dos visitantes sobre o som, o silêncio, os limites da perceção.

**João Vasco Paiva [Coimbra, 1979]**

*Typical Existing Equipment Arrangement for 3 Nos. Contactor Inside Street Lighting Control Panel\_A & B, 2025*

**Descrição:** Díptico, aguarela sobre papel, 152 x 113 cm (cada)

**Valor de aquisição:** €18.450



**Fundamentação:** João Vasco Paiva formou-se em pintura na Escola Superior Artística do Porto, terminando a licenciatura em 2004. Posteriormente fez um Mestrado em *Creative Media* na School of Creative Media da City, University of Hong Kong. Desde 2006, vive entre Hong Kong e Lisboa, tendo desenvolvido aí grande parte da sua obra, explorando os espaços urbanos, as infraestruturas, os elementos do quotidiano e os objetos que configuram o espaço público. A prática artística de João Vasco Paiva caracteriza-se por documentar, abstrair e reconfigurar elementos frequentemente negligenciados do ambiente urbano —

caixas, placas, barreiras, mobiliário urbano, texturas de pavimento, objetos descartados, etc. Ele questiona como esses objetos e infraestruturas não respondem apenas a necessidades funcionais, mas também carregam memórias, usos, marcas do quotidiano, e como, quando mudados de contexto, tornam-se relíquias de experiências urbanas. João Vasco Paiva tem participado em várias exposições individuais e coletivas internacionais, residências artísticas, e o seu trabalho está presente em coleções institucionais, refletindo o seu reconhecimento tanto no circuito de arte contemporânea asiático como ocidental.

A obra *Typical Existing Equipment* (2025) permite explorar criticamente a paisagem da cidade, a memória dos objetos e das práticas sociais, oferecendo um ponto de partida para debates sobre espaço público, apropriação do espaço pelos cidadãos e visibilidade do invisível no dia a dia.

Embora João Vasco Paiva trabalhe muitas vezes com materiais humildes ou industriais, há um rigor na composição, na abstração, nas formas e na textura — uma estética que resulta da atenção ao detalhe, à geometria implícita, à vibração visual dos objetos recontextualizados. *Typical Existing Equipment* demonstra equilíbrio entre simplicidade e complexidade, forma e função, visibilidade e subtileza.

A obra de João Vasco Paiva evidencia uma consciência do processo de transformação, de desgaste e de memória embutida dos objetos, o que ajuda à durabilidade do seu significado artístico — ou seja, não é efémera no conceito, mesmo que o material possa sugerir fragilidade.

**Maria Appleton [Lisboa, 1997]**

*Senses of Existence (Installation), 2025*

**Descrição:** 6 tecelagens feitas em tear manual, organdi de algodão, tecido de seda, tela plástica e estrutura em metal, 180 x 430 x 90 cm

**Valor de aquisição:** €24.600



**Fundamentação:** Maria Appleton explora um olhar háptico (visual e tátil) que navega a permeabilidade entre a opacidade e a transparência, a linha e a mancha, a cor e o seu esbatimento. Trabalhando entre a superfície e o espaço que se instaura para lá desta, no cruzamento de uma lógica pictórica, escultórica e instalativa, as suas obras assentam na gestão de um tempo lento. Entre a manualidade da colagem, que incorpora fotografias, impressões de jornal e outros elementos de memória, da tecelagem e da construção estrutural do suporte, a atenção gravita em torno de uma trama heterogénea que se faz e desfaz, gerindo a firmeza e a elasticidade da perceção.

Revelando-se uma obra de interesse para a CACE, *Senses of Existence (Installation)* (2025) gere um palimpsesto de cores, texturas e padrões que ora se exprime na superfície plana, ora se descobrem no encadeamento espacial que a sua desdobração estabelece. O olhar vagueia entre o que contempla e o que o engole, decantando o limite entre interior e exterior, entre o que é palpável e o que já não é mais tangível.

**Maria José Aguiar (Barcelos, 1948)**

*Festas das cruzes*, 1974

**Descrição:** Óleo e acrílico sobre tela, 160 x 130 cm

**Valor de aquisição:** €40.000



**Fundamentação:** Natural de Barcelos, Maria José Aguiar completou o curso de pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, em 1972, instituição onde viria a lecionar entre 1973 e 2009, a par de um percurso expositivo que se inicia na Galeria Alvarez, em 1973, no Porto. Com uma trajetória iniciada na segunda metade do século XX, Maria José Aguiar ocupa um lugar fundamental na história da arte contemporânea portuguesa. A sua obra, contribuiu não apenas para a afirmação das novas figurações na pintura dos anos setenta como foi significativa para a renovação dos temas e das questões afloradas na prática artística, sobretudo na época de transição do regime ditatorial

para a democracia portuguesa. Como surge destacado nesta obra, intitulada *Festas das Cruzes* (1974), tendo como pano de fundo um momento de efusiva manifestação da comunidade, associado a uma celebração tradicional de Barcelos, Maria José Aguiar expressa o desocultamento dos temas da sexualidade e do erotismo, afirmando nesse gesto irónico e provocador o poder da emancipação feminina. Assim, através dos seus temas de representação, outrora censurados e reprimidos, dá livre expressão a uma visão identitária, cultural e social alcançando contestatária de grande significado no contexto histórico e político do país. Como fica patente nesta tela, na sua obra surgem tanto referências à linguagem internacional da pop art como a temas da cultura popular e tradicional portuguesa, nomeadamente de raiz minhota que nos trazem à memória as experiências mais longínquas de Amadeo de Souza-Cardoso, de Eduardo Viana e do casal Sonia e Robert Delaunay na primeira metade do século XX.

**Maria Paz Aires [Porto, 1998]**

*Greetings from the Stranger Within*, 2025

**Descrição:** Lápis de cor sobre alumínio, 820 x 200 cm (aprox.)

**Valor de aquisição:** €20.000



**Fundamentação:** Maria Paz Aires estudou escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, e desenvolve a sua prática artística entre Portugal e Basileia (Suíça). A escultura *Greetings from the Stranger Within* (2025) evidencia a progressão de uma artista cujo percurso se tem vindo a consolidar através de uma prática consistente, plasmada nas apresentações públicas da sua obra. Desde o final de 2021 tem vindo a expor entre Lisboa e Porto, e em setembro de 2023 fez a sua primeira exposição institucional na Galeria Municipal do Porto. Com um corpo de trabalho inicial sobretudo desenvolvido em esculturas de cerâmica, a diversidade crescente de materiais e processos com quem tem vindo a trabalhar tem sido acompanhada pela criação de peças de

maior escala e ocupação espacial. Maria Paz Aires explora de forma contínua formas orgânicas, híbridas entre o animal e o vegetal, e a relação destes corpos mutantes com o espaço. A sua escultura em alumínio, apresentada em suspensão, combina leveza com um desdobramento no espaço, conjugando-os com um sistema de equilíbrio das formas, inserindo-se numa linha de artistas que desafiaram a rigidez e o peso da escultura. Mas ao mesmo tempo esta escultura é também suporte de desenho e de cor, convertendo-se numa grande composição que serpenteia e flutua no ar.

**Mariana Vilanova [Porto, 1996]**

*Análise de um paraíso fugaz*, 2023

**Descrição:** 6 impressões backlit em vidro temperado, som, 6 focos de luz

**Valor de aquisição:** €7.995



**Fundamentação:** A obra de Mariana Vilanova inscreve-se numa prática artística que cruza fotografia, vídeo e instalação multimédia, explorando de forma crítica as relações entre humanidade, tecnologia e ecologia. O seu trabalho, enraizado no diálogo entre arte, ciência e antropologia, interroga a forma como o avanço tecnológico molda tanto a perceção do mundo como a construção da memória coletiva. A artista desenvolve composições visuais que interrogam os limites entre natureza e artifício, entre documento e simulação, interessando-se pelo papel da tecnologia na modelação da memória, concebida não como arquivo estável, mas como um campo em permanente mutação, atravessado por bases de dados digitais, sistemas de monitorização da paisagem e dispositivos de observação tecnológica.

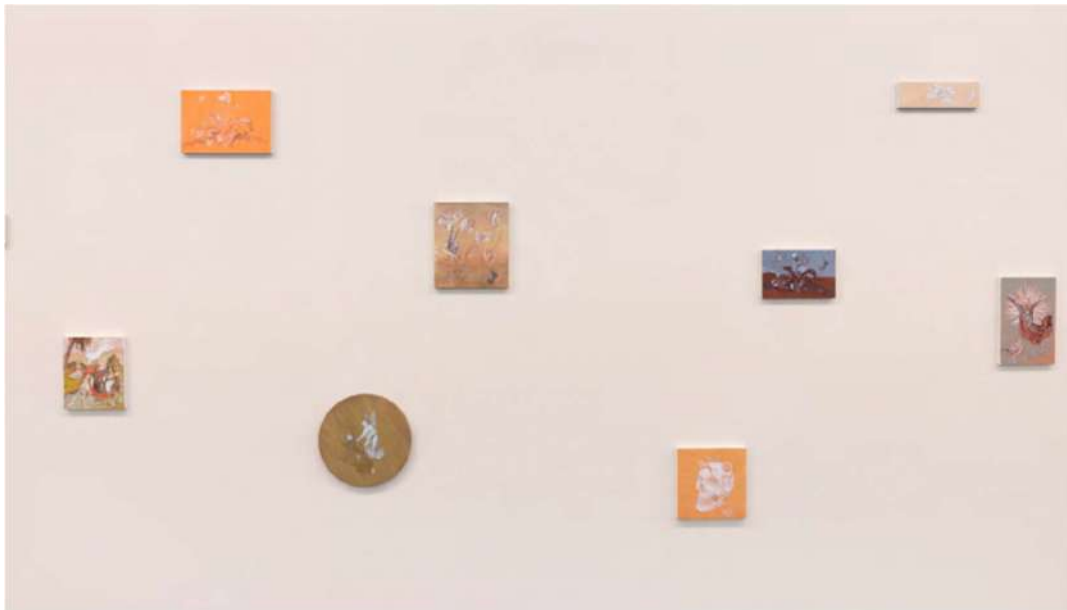
Na instalação *Análise de um Paraíso Fugaz* (2023), desenvolvida em colaboração com Marcelo Reis durante uma residência no INL – Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia em Braga, a artista parte de imagens obtidas por microscopia eletrónica e ótica para refletir sobre a promessa de salvação atribuída à tecnologia. A tradução de microimagens de perovskita — um mineral descoberto em 1839 nos Montes Urais, cuja estrutura cristalina tem vindo a ser aplicada no desenvolvimento de células solares pela sua eficiência na absorção da luz — em som e imagem dá origem a uma experiência imersiva sobre as qualidades de efabulação da observação e do método científico. A encenação circular das imagens sugere um processo contínuo de hipótese e verificação, em contraponto à ilusão de soluções definitivas. Nesse gesto, a artista convoca a ambiguidade entre a confiança contemporânea no progresso tecnológico e a consciência da sua falibilidade, revelando simultaneamente as suas potencialidades e limites.

**Miguel Branco [Castelo Branco, 1963]**

*Sem título (mural de 34 pinturas), 2023*

**Descrição:** 34 pinturas a óleo sobre madeira. Dimensões variáveis

**Valor de aquisição:** €57.195



**Fundamentação:** Miguel Branco é uma das figuras centrais da geração de artistas que emergiu na década de 1980, cuja obra se tem destacado pelo modo como repensou e desenvolveu a prática da pintura. Até agora, a sua presença na Coleção de Arte Contemporânea do Estado estava representada por duas esculturas de 1988. A incorporação da obra *Sem título (mural de 34 pinturas)* (2023) vem reforçar essa representação, permitindo revelar uma dimensão central do seu percurso: a prática consistente de pintura a óleo, frequentemente em pequena escala, que raramente se afasta da figuração e recorre a referências da história da arte e à tradição da pintura erudita. O mural é composto por 34 pinturas a óleo sobre madeira, de formatos reduzidos (algumas com menos de 10 cm de altura),

dimensões e formatos distintos, organizadas segundo um claro plano de apresentação concebido pelo artista. Embora o conjunto não tenha título, cada pintura é numerada e possui um título individual em inglês, francês ou italiano, reforçando a dimensão narrativa da obra, em que cada composição representa uma cena singular — animais, elementos botânicos, caveiras, objetos— cada um assumindo um papel dentro da dramaturgia construída pelo artista.

**Mónica Baptista [Porto, 1984]**

*O dia como uma manhã perpétua*, 2024

**Descrição:** Instalação com dupla projeção 16 mm e 35 mm, loop

**Valor de aquisição:** €19.080



**Fundamentação:** A instalação *O dia como uma manhã perpétua* (2024) assinala a incorporação de trabalhos de Mónica Baptista na CACE, reforçando a presença de artistas que exploram a imagem em movimento em suportes analógicos, contribuindo para a diversidade de práticas representadas no acervo. A artista tem vindo a desenvolver o seu trabalho artístico na interseção entre a fotografia, o cinema documental e o cinema experimental, com especial foco no Super 8, 16 mm e 35 mm. As suas obras têm sido regularmente exibidas em galerias e festivais internacionais de referência, como o *Visions du Réel* e o *Alchemy Film & Moving*

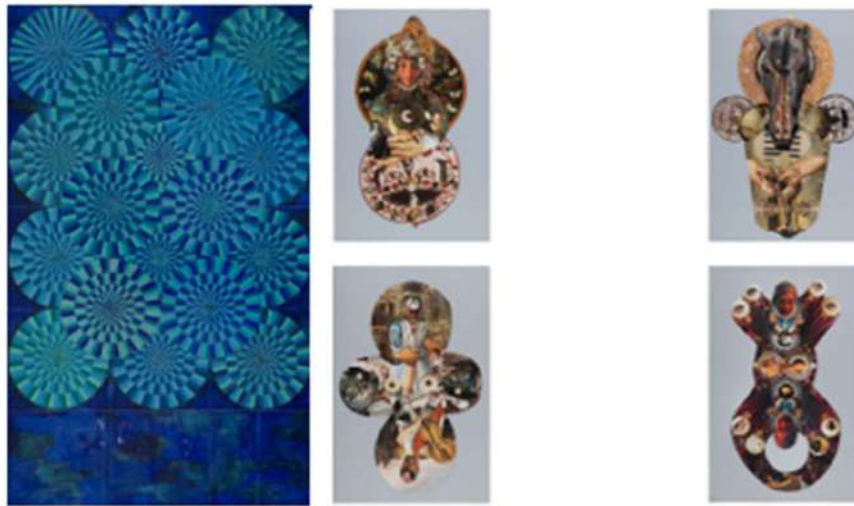
*Image Festival*, tendo também consolidado a sua presença no circuito artístico e cinematográfico enquanto programadora. A instalação foi criada durante uma residência artística no Jardim Botânico do Porto e consiste numa dupla projeção em 16 mm e 35 mm, em *loop*, resultante de um processo de deambulação e recolha de materiais vegetais que, em contacto direto com a película, geram imagens poéticas e uma sensação de tempo suspenso. Nas palavras da própria: “As imagens entrelaçam-se, sempre numa ordem diferente, num movimento contínuo vertical que vai do dragoeiro ao tulipeiro, passando por abstrações criadas pela exposição direta de sementes, frutos, flores, folhas e caules em contacto com a película, impressos pela luz solar.” Na obra utiliza processos analógicos e ecológicos (foram utilizados processos que substituem os químicos tóxicos habitualmente usados por alternativas naturais) que enraízam a ligação de Mónica Batista com o local, com o ciclo da natureza e com a materialidade do cinema. De referir também que a obra existe em edição única, a que agora é proposta para a coleção.

**Mumtazz [Lisboa, 1970 – Lisboa, 2019]**

*Sem título, s.d. / Sem título, s.d.*

**Descrição:** Tinta sobre papel, 211 x 134,5 cm / 4 colagens, dimensões variáveis  
(Entre 43 x 30 cm aproximadamente)

**Valor de aquisição:** €24.600



**Fundamentação:** A artista Mumtazz (1970-2019), nascida Andrea Martha, desenvolveu uma obra singular no contexto artístico português. Com um percurso formativo sólido, frequentou o Atelier Livre de Pedro Morais (experiência fundamental na formação artística e ética de toda uma geração de artistas em Portugal), realizou o Curso Avançado de Desenho no Ar.Co e estudos pós-graduados na School of the Art Institute of Chicago, destacando-se como figura central de uma comunidade artística íntima. Essa comunidade era formada por amigos e cúmplices que partilhavam uma abordagem centrada no desenho como base de uma prática transdisciplinar, estabelecendo fortes conexões com a poesia e o animismo. Mumtazz manteve-se à margem dos circuitos artísticos mais estabelecidos, o que contribuiu para a relativa invisibilidade da sua obra, tornada

mais conhecida com a antológica realizada em 2017, no CIAJG, em Guimarães. A proposta de aquisição vem colmatar uma lacuna na representação da artista em coleções públicas. A pintura geométrica *Sem título* (não datada), que integrou a exposição de 2017, revela uma exploração sistemática da geometria através de padrões radiais organizados numa grelha rigorosa, dominada por variações de azul-escuro e claro. Dezasseis círculos desenvolvem-se a partir de centros irradiantes, criando ilusões de movimento e um efeito hipnótico que evoca tanto mandalas quanto diagramas cosmológicos. A natureza repetitiva e concêntrica dos padrões gera uma qualidade meditativa, ecoando a Op Art dos anos 1960 e as investigações sobre perceção visual.

Complementam esta aquisição quatro colagens realizadas sobre suportes recortados em formas orgânicas simétricas que evocam amuletos ou ícones sagrados. Através da técnica dadaísta e surrealista da justaposição inesperada, Mumtazz combina recortes fotográficos de revistas, fragmentos de tecidos padronizados e elementos gráficos, integrando rostos, máscaras, animais e objetos no seu glossário visual recorrente. Elementos como olhos e mãos assumem dimensão simbólica e mágica, criando imagens que remetem para o universo místico do realizador arménio Sergei Parajanov.

**Nuno da Luz [Lisboa, 1984]**

*Sunbirds*, 2024

**Descrição:** Instalação de seis obras da série *Sunbirds*: Acrílico sobre manta de sobrevivência, tubo de alumínio e suporte mural de aço, 160 x 105 cm (cada)

**Valor de aquisição:** €32.349



**Fundamentação:** Nuno da Luz é um artista cuja prática artística evidencia uma reflexão sobre o som, a materialidade e as implicações culturais e políticas da escuta. Através de instalações, performances e objetos impressos, o seu trabalho assenta na escuta atenta como metodologia e ferramenta crítica, articulando ecologias sonoras e pedagogias do ruído, incluindo uma componente editorial, expressa através do coletivo ATLAS (em colaboração com Gonçalo Sena).

A série *Sunbirds* (2024) transforma mantas de sobrevivência em bandeiras suspensas, cada uma inscrita com poemas de poetas palestinos da diáspora ou de ascendência palestina – Fadwa Tuqan, Mosab Abu Toha, Naomi Shihab Nye, Doreen Tatour, Mourid Barghouti e Zaina Alsous – escritos à mão em acrílico sobre a superfície metalizada. O lado dourado apresenta o poema na língua original (inglês ou francês) e o verso a prateado permite ler a tradução em

português. A obra articula dois eixos centrais: a constância da presença dos pássaros e dos seus cantos na tradição poética palestina, mesmo em contexto de exílio, e a importância da palavra na vida quotidiana. A leveza e o movimento das mantas no espaço permitem que as palavras sobrevoem, acompanhadas pelo ruído do material, transformando a experiência estética numa reflexão sobre memória, silenciamento e a persistência de culturas ameaçadas.

No contexto atual, *Sunbirds* adquire especial relevância ao propor uma reflexão sobre deslocamento e resistência cultural. Ao transformar material de emergência médica em veículo de palavras e inscrição de poesia, a obra evidencia a resiliência da expressão artística frente à violência política, à guerra e ao exílio, sublinhando a urgência de proteger e ampliar vozes marginalizadas.

**Pancho Guedes [Lisboa, 1925 – Joanesburgo, África do Sul, 2015]**

*Família vegetal*, 1974 / *A força do seu olhar*, 1996 / *Um navio aborígine*, 2005

**Descrição:** Guache sobre papel, 51 x 73 cm / Acrílico sobre tela, 50 x 40 cm /  
Tinta-da-china sobre papel, 21 x 30 cm

**Valor de aquisição:** €41.032



**Fundamentação:** Pancho Guedes (Amancio d'Alpoim Miranda Guedes) foi um destacado arquiteto, mas também escultor e pintor, para além de professor universitário, cuja atividade foi desenvolvida sobretudo no continente africano, em países como Moçambique, Angola e África do Sul. Considerado um dos primeiros arquitetos pós-modernistas de todo o continente africano, possui muita obra construída nos anos cinquenta e sessenta do século XX, em Maputo,

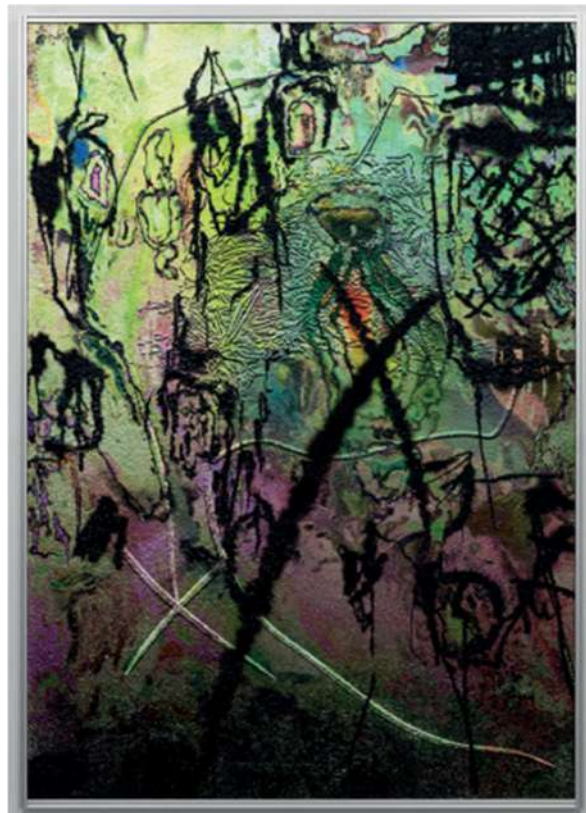
cidade para onde se mudou com a sua família quando ainda era criança. A sua obra arquitetónica, possui uma linguagem baseada nos cruzamentos disciplinares, de natureza eclética, por vezes brutalista e muito baseada na cultura artística local, caracterizada pelo uso muito livre da cor e de texturas baseadas na identidade africana e na natureza. Nas artes plásticas, essas referências são também comuns aos trabalhos que realizou em desenho e pintura. O conjunto de obras selecionadas pela Comissão de Aquisição de Arte Contemporânea, de diferentes técnicas, como o guache, a tinta-da-China e o acrílico, incluem *Família vegetal* (1974), *A força do seu olhar* (1996), *Um navio aborígine* (2005), pretende colmatar uma lacuna de representatividade de Pancho Guedes na CACE, onde não existe nenhuma obra do autor. Nestas obras, datadas de várias décadas, destacam-se os elementos vegetais, temas da natureza africana, com formas sempre dinâmicas, por vezes de estilo expressionista, a preto e branco ou com uma figuração de cores vibrante.

**Pedro Henriques [Lisboa, 1985]**

*gás carnaval #10*, 2025

**Descrição:** Técnica mista sobre madeira, perfil de alumínio, 176 x 125 cm

**Valor de aquisição:** €6.396



**Fundamentação:** Pedro Henriques vive e trabalha em Lisboa. Formou-se em pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Desde cerca de 2008 participa regularmente em exposições individuais e coletivas. Entre os seus trabalhos mais relevantes contam-se projetos como *Sidenwinder* (2013 e 2015), exposições como *Safari* (Galeria Zé dos Bois, Lisboa, 2019), *Birbante* (quARTel da Arte Contemporânea de Abrantes, 2018), entre outros.

Pedro Henriques explora, nas suas obras, uma abordagem plástica que combina elementos de desenho, pintura, escultura, fotografia, objetos, e intervenções espaciais, com alguma tensão entre o manual e o industrial, entre a forma geométrica ou fixa e transformações perceptivas, muitas vezes envolvendo distorções visuais, camadas de material, objetos compósitos.

A obra *gás carnaval #10* explora efeitos visuais, atmosferas de mutação, cor, luz/contraste, eventuais alusões a movimentos festivos ou culturais (“Carnaval”) e transformações de gás ou estado gasoso, ou metáforas de efemeridade, fluidez, suspensão. A incorporação de *gás carnaval #10* na CACE contribui para documentar uma fase da arte contemporânea portuguesa caracterizada por experimentação visual, interdisciplinaridade e reflexões sobre forma, memória e percepção. A estética de Pedro Henriques tende a provocar interrogação perceptiva, desestabilização visual, o que pode fomentar debates sobre percepção, materialidade, tecnologia e memória cultural.

**Rudi Brito [Lisboa, 1988]**

*Ichy Pain*, 2024

**Descrição:** Acrílico, esmalte e carvão sobre papel, 162 x 163 cm

**Valor de aquisição:** €8.610



**Fundamentação:** O trabalho de Rudi Brito incide sobre a plasticidade e a reinvenção do espaço pictórico que o artista reinventa ao cruzar imagens, escalas e enquadramentos distintos. Ausentes de uma lógica narrativa e apreendidas como campos vibracionais, as suas obras envolvem um processo de construção e desconstrução em que a convergência e a sobreposição das referências

questionam noções de foco e repetição. Indagando a pintura e o olhar, as obras são ditadas por uma ação experimental que se articula por camadas, de forma intuitiva.

*Itchy Pain* (2024) é uma obra que articula, de modo singular, a expressividade das imagens com a natureza do material. A delicadeza da inscrição contrasta com a densidade do conjunto que, marcado por um encontro tátil e visual, é ditado por um exercício de múltiplos registos, colagens, ocultações e revelações.

**Sérgio Carronha [Cascais, 1984]**

*Demonioz*, 2022 / *Exaustor*, 2025 / *Porta*, 2024

**Descrição:** Xisto vermelho de Alandroal, 45 x 16 x 34 cm / Grés, vidrado, sal,  
45 x 28 x 16 cm / Mármore, 30 x 33 x 2 cm

**Valor de aquisição:** €11.070



**Fundamentação:** Apoiado num imaginário que detém uma temporalidade vincada, as obras de Sérgio Carronha desenvolvem-se no cruzamento da escultura com o desenho, celebrando factos e elementos que buscam uma

proximidade à cultura da terra, aos ciclos da natureza, e a uma espiritualidade ancestral. Manuseando a pedra e a cerâmica, os trabalhos reclamam proximidade a achados arqueológicos e surgem, tendencialmente, como arquétipos. As obras surgem de forma instintiva, na relação direta entre o corpo do artista e o entendimento do material, colhido em percursos específicos pela natureza. Paradoxalmente, de modo poético, a especificidade dos elementos revela a transversalidade daquilo que nos une.

As obras *Exaustor* (2025), *Porta* (2024) e *Demonioz* (2022) integram um conjunto proposto para a CACE, assumindo um destaque particular pelo modo como se trabalha a relação entre a delicadeza e a perenidade. Nelas, afirma-se uma inquietude na estranheza do que é reconhecível.

## A Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea 2025/2026

- Andreia Magalhães
- Francisca Portugal
- Pedro Barateiro
- Sandra Vieira Jürgens
- Sérgio Fazenda Rodrigues
- Susana Lourenço Marques